

LIBRAS NO ATENDIMENTO A PESSOA SURDA? PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE MEDICINA DE UFPEL SOBRE O TEMA

ELSON RANGEL CALAZANS JUNIOR¹; CARLOS EDUARDO POUHEY DA
CUNHA²; GABRIELLA GONÇALVES DIAS³, AUGUSTO ASTOLFI BASILE⁴;

MARIA LAURA VIDAL CARRETT⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – elson.cz33@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cpouey@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – gabriella.gdias14@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – guto.astolfi@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – mvcarret@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A comunicação efetiva entre médico e paciente é essencial para o êxito no atendimento médico (SUCUPIRA, 2017). Contudo, inúmeras variáveis podem afetar a comunicação e interferir na qualidade da relação médico-paciente, como, por exemplo, a surdez (PIRES e ALMEIDA, 2016). Entre essas variáveis encontra-se a deficiência auditiva. Segundo Lemos (2023), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou, no último censo, que 5% da população brasileira apresenta algum grau de deficiência auditiva, isto é, cerca de 10 milhões de pessoas, sendo 2,7 milhões desses portadores de surdez profunda (LEMONS, 2023). No entanto, diversas estratégias visam facilitar a comunicação médico-paciente nesse contexto, como por exemplo o uso da comunicação escrita, da leitura labial, da mímica ou até a comunicação por acompanhantes ou familiares (VIEIRA *et al.*, 2023). Todavia, todas essas podem violar o protagonismo da própria pessoa com deficiência auditiva na descrição das múltiplas interfaces de seu processo saúde-doença e silenciando-os (SILVA e ALMEIDA, 2017).

Por outro lado, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) desponta como meio no qual o paciente se torna protagonista no próprio atendimento médico, fazendo-o mais efetivo e humanizado. (GOMES *et al.*, 2017). Sabe-se, porém, que Araújo *et al.* (2019) relatou que pessoas surdas apresentam dificuldade em receber um melhor cuidado de saúde por conta da dificuldade de comunicação com o profissional de saúde, os quais não costumam ter treinamento em LIBRAS. GOMES *et al.* (2017) observou que 92,1% dos médicos atuantes no Sistema Único de Saúde (SUS) investigados já atenderam algum paciente surdo, embora apenas um referiu ter conhecimento básico de LIBRAS.

Este problema é agravado quando se observa o contexto de formação acadêmica dos cursos de graduação na área da saúde. Mazzu-Nascimento *et al.* (2020) ao avaliar a grade curricular e o projeto pedagógico de todos esses cursos em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, constatou que menos da metade (43,1%) oferecia disciplina de LIBRAS, sendo 16,7% como disciplina obrigatória e 83,3% como disciplina optativa. As matrizes curriculares carecem ainda de estratégias de inclusão do cuidado à saúde da pessoa surda (Bernardo *et al.*, 2021).

Diante de todo o exposto, o presente trabalho, objetivou discorrer sobre a problemática do atendimento médico à pessoa surda e sua percepção sobre o aprendizado de LIBRAS segundo a ótica de acadêmico de graduação em medicina do quarto semestre da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Realizou-se estudo transversal e descritivo, que utilizou como população alvo acadêmicos do quarto semestre do curso de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. Aplicou-se questionário semiestruturado disponível na forma física a todos os 54 acadêmicos que estavam cursando a disciplina de Medicina de Comunidade, em fevereiro de 2024. A participação foi voluntária e de forma anônima. O questionário contou de 11 perguntas com as quais foram avaliadas a percepção dos acadêmicos sobre: importância da comunicação eficaz para o atendimento médico; dificuldade na comunicação médico-paciente de pacientes surdos; experiência prévia com necessidade de comunicação com pessoa surda; sugestão de estratégias para facilitar essa comunicação; familiaridade com o uso da comunicação por LIBRAS; importância da inclusão do ensino de LIBRAS como disciplina obrigatória no curso de medicina; interesse do acadêmico em participar de disciplina ou curso optativo de LIBRAS durante o curso de medicina; possibilidade de uso de Cartilha de LIBRAS para melhorar a comunicação com paciente surdo e interesse em participar de *workshops* sobre LIBRAS. O presente trabalho faz parte do projeto de monitoria com bolsa afirmativa com intuito exclusivamente educacional, sem fins de pesquisa científica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia da entrevista, 46 alunos dos 54 matriculados se encontravam presentes, o que representou 85% de respondentes, com média de idade foi de 23 anos. Do total de respondentes, a grande maioria considerou que a comunicação eficaz no atendimento médico é muito importante (N=44; 95,7%), reconheceu que pacientes surdos enfrentam dificuldade na comunicação nos atendimentos médicos (N=43; 93,5%) e negou experiência de necessidade de contato com a população surda em sua vida (N=44; 95,7%), mesmo já tendo alguma vivência com práticas médicas durante a faculdade, como por exemplo na disciplina de Medicina de Comunidade/UFPEL, onde esses acadêmicos frequentam a UBS durante um semestre. Quanto ao entendimento de LIBRAS, 71,7% (N=33) dos acadêmicos não compreende nem o básico, 26,1% (N=12) deles compreende o básico e apenas 1 acadêmico referiu compreender moderadamente a comunicação por LIBRAS. Entretanto, de acordo com GOMES *et al.* (2017), 92,1% dos médicos do Distrito Federal já atenderam pacientes surdos, o que demonstra a importância do exercício dessa comunicação durante o período de formação acadêmica. MAZZU-NASCIMENTO (2020) descreveu haver uma fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto ao ensino de LIBRAS pelo país; ao apontar que nem metade das faculdades nacionais oferecem curso de LIBRAS. Isso não se limita ao ensino de LIBRAS, os currículos de saúde como um todo, conforme visto em experiências em faculdades no sul do Brasil, ainda carecem da inclusão de formas do cuidado à saúde da pessoa surda (BERNADO *et al.*, 2021). Nessa direção, o presente estudo encontrou que apenas 60% (N=27) dos acadêmicos entrevistados acreditam que o ensino de LIBRAS deveria ser uma disciplina obrigatória na faculdade de medicina, sendo que 24,4% (N=11) referiu não ter opinião formada sobre isso. OLIVEIRA *et al.* (2022) relatou que em Salvador (BA) os acadêmicos entrevistados são favoráveis ao ensino de LIBRAS na universidade.

Quando questionados sobre interesse em participar de disciplina optativa ou curso de LIBRAS durante a faculdade, 88,9% (N=40) dos acadêmicos relataram

interesse em participar, 95,6% (N=43) consideraram que uma Cartilha de LIBRAS em Medicina e Saúde poderia melhorar a comunicação com pacientes surdos de forma geral e 86,7% (N=39) tiveram interesse em participar de workshops sobre LIBRAS em Medicina e Saúde para aprimorar suas habilidades de comunicação com pacientes surdos. De acordo com VIEIRA *et al.* (2023), esse tipo de iniciativa é mais um exemplo de investimento na formação em LIBRAS de profissionais de saúde. Importante ressaltar que LEVINO *et al.* (2013) relatou que estudantes da área da saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT) diminuem a desinformação sobre surdos e melhoram a relação profissional com os pacientes após esse tipo de workshop.

Ao serem questionados sobre estratégias para facilitar a comunicação com surdos no atendimento médico, 40 acadêmicos (87%), refere que o uso de LIBRAS é a principal e maior estratégia dentre as estratégias comunicacionais possíveis. Tal resultado está de acordo com LOPES *et al.* (2021) que defende o idioma como fundamental no atendimento humanizado da pessoa surda e a relata como ferramenta capaz de assegurar individualidades e favorecer uma boa relação médico paciente. A principal forma do uso de LIBRAS foi a partir do seu ensino obrigatório ou optativo, por meio de disciplinas acadêmicas, cursos capacitadores ou minicursos, para médicos e demais profissionais de saúde. Também houveram os que defenderam o ensino básico escolar e ainda uma resposta, surpreendente, propondo o ensino de LIBRAS como disciplina obrigatória no ensino médico em todo o mundo.

Outras propostas relacionadas às estratégias para facilitar a comunicação com surdos, foi a contratação de intérpretes de LIBRAS pelo sistema de saúde, confecção de livros, banners, cartilhas ou dicionários de LIBRAS, utilização de aparelhos multimídia, presença de familiares nas consultas, estratégias para melhorar a dicção como uso de máscaras transparentes, “falar devagar sem tapar a boca”, “falar mais alto” durante o atendimento e utilização de gestos e sinais (mímica). Importante destacar que essa última proposta diverge de LIBRAS, porque diferente dela, esses não passam por gramaticalização e padronização (SCHLÜNZEN *et al.*, 2012). Em relação a sugestão de contratação de intérpretes, vai ao encontro do anseio da comunidade surda, de acordo com PIRES E ALMEIDA (2016), embora apontem uma defasagem de intérpretes no país. Importante destacar que mesmo os entrevistados que não responderam à pergunta aberta sobre exemplos de estratégias para facilitar a comunicação no atendimento médico às pessoas surdas, consideram que cartilhas ajudam na problemática.

Diante de todo o exposto conclui-se a grande amplitude e relevância do tema e a necessidade de encará-lo de forma a minimizar as dificuldades vividas pela população surda.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Antônio Marcondes *et al.* A dificuldade no atendimento médico às pessoas surdas. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, v. 3, n. 1, p. 3-9, 2019.

BERNARDO, Lucas Andreolli *et al.* Potências e limites no cotidiano da formação acadêmica no cuidado à saúde da pessoa surda. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 3, p. e20200341, 2021.

GOMES, Leticia Ferreira *et al.* Medical Doctors' Knowledge of Libras in the Federal District and Deaf Patient Health Care. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 4, p. 551-556, 2017.

LEMOS, Simone. Mais de 10 milhões de brasileiros apresentam algum grau de surdez. **Jornal da Universidade de São Paulo (USP)**. Agosto 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-apresentam-algum-grau-de-surdez/>. Acesso em 26 de fevereiro de 2024.

LOPES, Bianca Cardoso *et al.* O atendimento em libras como garantia da universalidade, da integralidade e da equidade no acesso à saúde: uma revisão narrativa. **Brazilian Medical Students**, v. 5, n. 8, 2021

LEVINO, Danielle de Azevedo *et al.* Libras na graduação médica: o despertar para uma nova língua. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, p. 291-297, 2013.

MAZZU-NASCIMENTO, Thiago *et al.* Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. **Audiology Communication Research**, v. 25, p. e2361, 2020.

OLIVEIRA, Alana Santos Rios *et al.* Ensino da Língua Brasileira de Sinais durante a graduação em Medicina: a percepção dos futuros médicos. **Audiology-Communication Research**, v. 27, p. e2634, 2022.

PEREIRA, Antonio Augusto Claudio *et al.* "My Dream Is To Be Understood": an Analysis of the Doctor-Deaf Patient Interaction during Health Care. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 4, 2020.

PIRES, Hindhiara Freire; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 5, n. 1, p. 68-77, jan/jun 2016.

SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya; BENEDETTO, Laís; SANTOS, Danielle. O que é Libras. **Conteúdos e Didática de Libras**. Presidente Prudente, v. 11, n. 24, p. 45-48, 2012.

SILVA, Raira Piágio; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. Relação comunicativa entre o profissional de saúde e os surdos: uma revisão bibliográfica. **Id on line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11, n. 37, p. 653-668, 2017.

SUCUPIRA, Ana Cecília. A importância do ensino da relação médico-paciente e das habilidades de comunicação na formação do profissional de saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n. 23, p. 624-627, set/dez 2007.

VIEIRA, Domisy de Araújo *et al.* Estratégias de comunicação dos profissionais de saúde com pessoas com deficiência auditiva: revisão integrativa. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, p. e84359, 2023.